ISSN 1517-0187

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

17

Circular Técnica

Planaltina, DF
Setembro, 2001

Técnicas para Interpretar a Demanda da Agricultura Familiar: a História de Vida

Autor

Suzana Sperry
M.Sc., Sociologia Rural,
Embrapa Cerrados

Introdução

A história de vida é uma técnica de investigação social que recupera informações a serem analisadas de forma qualitativa. É vista como parte integrante de um método biográfico mais amplo, no qual a maiêutica[1] mais adequada para cada tipo de pesquisa pode ser desenvolvida, permitindo analisar a diversidade apresentada pelo material recolhido e elucidar as tendências mais universais ou individuais da experiência humana. Nessa perspectiva, é mais do que uma técnica para coleta de dados orais, pois representa um método biográfico mais amplo. Apesar de basear-se em depoimentos pessoais, não se propõe a apresentar histórias orais, mas a reconstituir a trajetória de grupos sociais, ussando o método biográfico de pesquisa[2].

As vantagens da técnica levaram Bastide, 1953 a considerá-la como a "técnica da liberdade" porque, apesar de seu caráter neutro, permite a cooperação simpática entre pesquisadores e pesquisados, o que facilita a aproximação entre ambos e a plena expressão da vida.

Inspirada na psicologia e na antropologia, a técnica considerava, inicialmente, que a história seguia um curso "natural", segundo o qual cada etapa dava lugar à outra, por mecanismos involuntários. Nessa fase (entre 1920 e 1930), os pesquisadores da Escola de Chicago, seus principais usuários, interessavam-se, principalmente, em reunir informações sobre fenômenos e processos em transição e, em mostrar exemplos ilustrativos, deixavam os discursos falarem por eles próprios. Utilizavam a técnica, mas não dispunham dos recursos para reconstruir a relação e a articulação operacional entre os indivíduos, a história e a estrutura social.

Depois de quatro décadas, o uso da história de vida começou a declinar nos Estados Unidos, retornando depois dos anos 70 por força dos grupos de oposição ao positivismo[3] que "redescobriram" a técnica. Esse evento foi motivado pelo desencanto com o reducionismo, imposto pelos métodos quantitativos, pelas grandes teorias e pelas perguntas fechadas, utilizadas pelas pesquisas sociais realizadas na época. O consenso mostrou que era necessário aprimorar as estratégias, simplificar e dar a palavra aos que viviam e faziam a história para poder escutar e compreender o que falavam, como falavam e por que falavam de determinada maneira (Marré, 1990; Haguette, 1987; Kominsky, 1986).

Atualmente, a história de vida utiliza recursos oferecidos por diversos métodos, entre eles, a pesquisa participativa que permite a coleta de dados por meio do diálogo. Como a história de vida é uma experiência de relacionamento com o grupo social, a coleta dos depoimentos

---

[1] Maiêutica, processo dialético e pedagógico em que as perguntas são multiplicadas com a finalidade de obter, por meio de interferências a casos particulares e concretos, um conceito geral sobre o assunto questionado. A maiêutica praticada no âmbito dos termos estabelecidos pela história de vida, permite que o pesquisador "entre" na linguagem e no universo do grupo que está pesquisando (Marré, 1990).

[2] Métodos biográficos de pesquisa: **autobiografia** em que o autor fala por si mesmo e assume publicamente a sua história. Essa estratégia é, às vezes, subestimada porque pode tornar parciais, promocionais ou mentirosas as informações que veicula, o que pode ocorrer também em relação às biografias; **entrevista biográfica**, nela o pesquisador interfere na composição e na estrutura do relato, não se concentra em apenas um tema, mas em um único autor julgado digno de estudo e que concorda em prestar o depoimento e a tornar-se objeto de indagação teórica; **depoimento biográfico**, aproxima-se da história de vida, mas demanda menos tempo para análise, pois se concentra em um tema específico, o pesquisador é quem determina esse tema, uma vez que se interessa por apenas um tipo de informação (Camargo et al., 1983).

[3] Positivismo, foi o método que introduziu a idéia de que a sociedade é muito mais do que a soma de indivíduos, pois existem normas, instituições e valores preestabelecidos e que constituem o social (Costa, 2000).

Embrapa

é feita mediante uma relação de diálogo e de auxílio entre pesquisador e pesquisado.

Segundo Marré, 1990, a técnica apresenta três características importantes: o direito à palavra (dado ao pesquisador pela pesquisa participante); a microrrelação entre pesquisador e pesquisado, com igualdade social e sem subordinação (essa igualdade favorece a expressão que poderia ficar inibida por sentimentos de exclusão social ou pela imagem oficial que a sociedade se dá a si mesma); e, a neutralidade que representa, ao mesmo tempo, uma qualidade da técnica e um risco para o pesquisador (com a finalidade de enriquecer o produto final, é permitido ao pesquisador auxiliar o pesquisado, essa alternativa pode colocar em risco a neutralidade da pesquisa caso não seja adequadamente conduzida, porém, como a base do método não é a neutralidade, mas a cooperação simpática, esse risco merece ser corrido).

Para resguardar sua eficiência, o método exige obediência a determinadas recomendações e ao planejamento detalhado e minucioso de seu uso, pois a adesão entusiasmada às pesquisas que utilizam a história de vida levaram muitos pesquisadores a tratar o material recolhido com um empirismo cego, e a esquecer que o discurso dos entrevistados era mais rico do que os comentários que os pesquisadores faziam deles (Gagnon, 1980).

É um instrumento de pesquisa que oferece oportunidades não-exploradas pela maioria dos métodos quantitativos[4], como as de poder observar o comportamento do entrevistado e situar suas respostas no contexto; identificar situações não-previstas; reformular perguntas, demandar esclarecimentos, retornar ao entrevistado para obter respostas mais completas e confrontar a opinião dos entrevistados (em caso de respostas conflitantes). No entanto, a vantagem dessa técnica em multiplicar as possibilidades de observação e de captação de informações, também, amplia o espaço de tempo necessário para sua aplicação no campo, para o registro e a análise dos dados, o que onera seus resultados em relação aos métodos quantitativos de pesquisa.

Na opinião de historiadores, antropólogos e sociólogos, os depoimentos pessoais constituem instrumentos incomparáveis para o acesso ao vivido subjetivo e são uma fonte inesgotável de hipóteses, o que compensa qualquer dificuldade metodológica que possa ser encontrada para coletar ou analisar os dados (Bertaux, 1980). Pode-se afirmar, também, que a história de vida enriquece a técnica da coleta de depoimentos pessoais, pois o enfoque biográfico por ela adotado leva o pesquisador, enquanto recolhe as informações, a questionar um quadro após o outro, o que lhe permite construir uma aproximação biográfica da realidade. Ou seja, o material coletado pela história de vida permite apresentar uma biografia a várias vozes.

A técnica pode ser vista, ainda, como uma solução para os projetos de desenvolvimento econômico regional, pois, na maioria das vezes, as primeiras ações de planejamento são dificultadas pela falta de informações sobre a região a ser trabalhada. Ao lançar mão do testemunho ocular dos acontecimentos para interpretar os processo de relacionamento social, a história de vida é capaz de produzir documentação escrita confiável, porque é gerada pelos que são ao mesmo tempo testemunhas e atores do processo (Gagnon, 1980).

Segundo Rodrigues, 1978, o conhecimento sobre a estrutura das redes de comunicação e sobre os papéis individuais e coletivos que ocorrem no interior dos grupos de agricultores é útil para orientar os procedimentos que antecedem as ações de desenvolvimento das comunidades rurais. Presume-se, portanto, que conhecer esses fatores e anexar-lhes informações sobre a sociedade onde ocorrem, seriam os procedimentos iniciais lógicos a serem cumpridos pelos projetos que pretendam utilizar a metodologia de pesquisa & desenvolvimento. Por isso, seria interessante questionar a razão pela qual, a maior parte dos projetos não privilegia essa parte e continua antecedendo suas interferências no meio rural apenas pelos tradicionais diagnósticos quantitativos sobre os sistemas de produção desenvolvidos pelos agricultores.

Diferentes razões poderiam ser colocadas para responder a esse questionamento: estarão as equipes técnicas tão acostumadas a utilizar os métodos quantitativos de pesquisa, que não lhes ocorrem outras alternativas?
- haverá uma crença de que todos os métodos qualitativos sejam de uso privativo dos cientistas sociais? Ou, ainda,
- a área tecnológica tem deixado de adotar os procedimentos qualitativos, simplesmente, por que os desconhece?

Buscando responder a esses questionamentos e com o objetivo de mostrar as vantagens práticas da utilização dos diagnósticos qualitativos para as pesquisas sobre o desenvolvimento da agricultura familiar, este documento propõe-se a detalhar o planejamento e a execução da técnica da história de vida e a discutir o comportamento da equipe multidisciplinar de um projeto de pesquisa e desenvolvimento diante do uso da técnica.

[4] Os métodos quantitativos de pesquisa, em geral, utilizam questionários de fácil e rápida elaboração e aplicação; sua aplicação e análise demandam poucos gastos; são capazes de cobrir áreas muito amplas; e, impedem a manipulação das respostas. Porém, impedem o diálogo entre pesquisadores e pesquisados, o que pode levar a respostas incorretas e a inibir a expressão dos entrevistados, transformando-os em objetos abstratos a serem observados, medidos e pesados (Almeida, 1989).

Como Planejar e Executar a Técnica da História de Vida

O ponto de partida para uma pesquisa que adota a história de vida como técnica é a elaboração de um projeto eficiente, pois a leitura dos depoimentos será determinada por esse projeto e construída com os elementos extraídos das experiências biográficas. Ou seja, segundo Marré, 1990, o projeto é um modo de ler a situação e a experiência biográfica um reservatório de dados simbólicos, graças aos quais a consciência pode colocar-se como exterior à situação. Nessa concepção, os depoimentos não funcionam para a história de vida apenas como um meio para se conhecer o passado ou para saber como determinado fato é percebido agora, mas como uma técnica que permite observar os fatos a distância e de forma neutra.

Como a história de vida não tem interesse pela biografia individual em si, preocupa-se em somar dados individuais e em analisar os ciclos de vida[5] e, como eles não são universais nem constantes, transformam-se nos principais objetos de estudo, pois são capazes de mostrar as transformação que ocorrem nas relações sociais das comunidades. Sabendo-se que, para reconstruir uma história de vida, é necessário compreender a evolução de um grupo social com base em depoimentos, como deverá proceder a pesquisa quando as mudanças na vida do entrevistado também influenciaram o processo histórico de sua comunidade? Como fazer a conexão entre o nível individual e o processo macrossocial interessante para a pesquisa? Como combinar o tempo histórico de evolução de uma sociedade com o tempo biográfico dos que fazem a história nessa vida social?

Para ler a situação e responder a perguntas como essas, no projeto de pesquisa, deve-se prever a construção do ciclo de vida familiar, baseando-se nas biografias individuais e a construção da história de vida da comunidade nos ciclos de vida e no tempo biográfico e no histórico, utilizado para cumpri-lo[6]. Essas estratégias permitem localizar princípios organizadores subjacentes. Para identificar esses princípios nos depoimentos individuais, devem ser efetuadas relações entre determinadas questões como, por exemplo, entre o estudo e o trabalho, acesso à terra e ao casamento, paternidade e posição na comunidade, velhice e posição na comunidade). No entanto, ao efetuar relações normativas, a pesquisa não deve ficar restrita à primeira representação histórica, oferecida pelas entrevistas, ao contrário, deve procurar apoiar-se nas representações dos primeiros assuntos identificados (Balan & Jelin, 1980).

Por meio das relações normativas, torna-se possível também invalidar algumas das representações colocadas pelos depoimentos, para substituí-las por outros assuntos referentes ao mesmo subconjunto. O cruzamento dos dados gerados por esses procedimentos mostrará as possibilidades e os contrastes oferecidos pelos diferentes setores (residência, educação, emprego da força de trabalho etc) e permitirá elaborar uma matriz que ajudará a identificar as estruturas sociais que deram origem a chances diferenciais de vida na comunidade: como era antes / como é agora?

Depois de traçadas as linhas gerais sobre o projeto, as preocupações dos que decidem adotar a técnica da história de vida, em geral, são as seguintes: quem e quantos deverão ser os interrogados? As entrevistas deverão ser diretivas ou não? Os depoimentos coletados deverão ser parciais ou completos? Como deverão ser transcritos e analisados esses depoimentos? Como deverão ser publicados os resultados?

Quem e quantos entrevistar

Para decidir quem e quantos entrevistar, pode-se dizer que tudo depende do objetivo da pesquisa e do conhecimento que se tiver sobre a situação, porém, a chave para decidir a amostra ideal a entrevistar está na percepção do momento exato da saturação das respostas.

Segundo Bertaux, 1980, saturação é o processo que ocorre não no plano da simples observação, mas no da representação do objetivo da pesquisa. Esse processo é construído passo a passo, à medida que for sendo assimilada pelos pesquisadores a cultura do grupo, bem como os subconjuntos de relações socioestruturais existentes no local, as relações simbólicas expressas pelo grupo etc.

O número de entrevistados poderá diminuir quando os primeiros depoimentos forem quase uniformes e ser ampliado, se os primeiros entrevistados fornecerem informações que dependam de uma confirmação mais abrangente sobre elementos não-previstos inicialmente. Por exemplo, em uma pesquisa para construir a história da produção do maracujá na região de Araguari-MG (Sperry & Aguiar, 2000), foi decidido que os entrevistados seriam 35 indivíduos. Quando os dez primeiros repetiram os mesmos fatos, nomes, circunstâncias e datas sobre a introdução do cultivo na região, a equipe de pesquisa teve a consciência de haver atingido a saturação de respostas a esse respeito. A partir desse momento, a questão deixou de ser formulada.

---

[5] O ciclo de vida é especialmente importante para interpretar os acontecimentos que provocam as transições na vida da comunidade estudada, pois oferece uma dimensão organizadora do tempo biográfico. As transformações que constituem o ciclo de vida são determinadas por normas específicas: a escolaridade, o primeiro trabalho, a saída da casa dos pais, o casamento, a constituição de uma nova família, o nascimento dos filhos, a velhice. Para construir o ciclo de vida de uma comunidade, devem ser consideradas as relações sociais decorrentes do conjunto de ações desenvolvidas por diferentes indivíduos e não apenas os eventos individuais registrados (Balan & Jelin, 1980).

[6] Grupos sociais apáticos ou passivos dificilmente se prestam para influenciar o conteúdo social das histórias de vida, porém os grupos sociais que apresentam determinado nível de efervescência tendem a envolver seus membros e a permitir a construção da uma experiência humana vivida. Quando a descontinuidade emerge, o grupo cria, recomeça seu devir ou transforma-o qualitativamente no tempo. A pesquisa que utiliza a técnica da história de vida pode trabalhar, ainda, sobre o tempo pensado e o tempo vivido, bem como datar o momento em que determinadas ações sociais foram pensadas pela primeira vez, sua evolução, realização ou, o desaparecimento da idéia (Marré, 1990).

Ademais, questões não-previstas no roteiro inicial começaram a ser formuladas como, por exemplo, quando a equipe de pesquisa percebeu a forte dominação de uma das indústrias local sobre o grupo de produtores, foi sentida a necessidade de introduzir novas questões no roteiro de entrevistas e de retornar aos primeiros pesquisados para entrevistá-los sobre elas.

O pesquisador poderá apenas estar seguro de haver alcançado a saturação quando tiver consciência de que buscou diversificar, ao máximo, os informantes quanto ao sexo, à faixa etária e à posição que ocupam nos subconjuntos das relações estruturais do grande grupo. A diversificação de informantes é fundamental para construir a história real. Portanto, a construção da realidade não deve basear-se no depoimento dos primeiros entrevistados, porque a entrevista com outros indivíduos que se encontram em posições diferentes no interior do grupo pode invalidar algumas das primeiras informações e modificar, profundamente, suas primeiras hipóteses. É mais difícil alcançar a saturação do que parece à primeira vista, mas quando atingida, proporciona uma base bastante sólida para os resultados.

Além da saturação, outro fenômeno comportamental pode ser enfrentado pelos pesquisadores, como é o caso da coleta de depoimentos contraditórios.

Por exemplo, e ainda no caso da história de vida dos produtores de maracujá entrevistados em Minas Gerais: os do Município de Monte Carmelo expressaram opiniões coincidentes entre si, mas absolutamente opostas às dos produtores do Município de Indianópolis. Para tratar essa oposição de declarações, pode-se simplesmente transcrevê-la ou, se for julgado interessante, colocar frente a frente os opositores para que discutam suas idéias. Esse tipo de discussão cria um espaço muito rico para a coleta de dados tanto para os que dela participam como pesquisados quanto para os pesquisadores.

Entrevistas

Quando se pretende conhecer as relações socioestruturais de um grupo, o mais conveniente é adotar entrevistas não-diretivas[7] e combinar a escuta atenta com um roteiro preestabelecido. Por intermédio da entrevista não-estruturada, o pesquisador pode "bombardear", com perguntas, os primeiros informantes e diminuir a quantidade de perguntas quando perceber a saturação das respostas a algumas das variáveis definidas pelo estudo.

À medida que o número de entrevistas for avançando, os quadros sociais começam a justapor-se, e as repetições vão sendo observadas entre uma entrevista e outra, quando começam a ser relatadas as mesmas realidades. Algumas questões podem, então, ser suprimidas porque as respostas a elas já são conhecidas, isso abrirá espaço para aprofundar ainda mais outros temas. Para utilizar esse tipo de entrevista, é imprescindível ter, em mão, o roteiro que irá conduzi-la. Os itens do roteiro devem ser organizados segundo categorias predeterminadas (variáveis estabelecidas pelo roteiro do estudo).

O pesquisador, antes de iniciar as entrevistas, deverá criar um clima de cordialidade, explicar os objetivos da pesquisa e assegurar o caráter confidencial das respostas, transformando-a em uma conversa informal e agradável. Motivar o agricultor a falar é uma condição fundamental para que os depoimentos desenvolvam-se plenamente e para que os informantes sintam-se motivados a "se contar" e a conduzir a conversação. Espera-se que o agricultor sinta-se envolvido em um clima favorável, não apenas para contar sua vida, mas para refletir sobre ela.

Na medida do possível, deve-se evitar o uso do gravador, porque costuma inibir o entrevistado. Tudo o que for observado e dito deve ser registrado. Para poder desencadear o processo narrativo e conduzir o diálogo de uma forma lógica que permita extrair a verdade vivida, o pesquisador deverá ter uma noção muito clara sobre a relação entre os temas que deverão ser abordados pelo entrevistado (negação da neutralidade) e não deve colocar questões que induzam a respostas impossíveis de serem respondidas.

Às vezes, os informantes "escapam" do roteiro e falam sobre questões ainda não-colocadas, nesse caso, é preferível não interrompê-los e, mais tarde, ordenar as respostas.

Em geral, o espaço de tempo que se segue à entrevista continua sendo muito rico em informações. Esse espaço deve continuar sendo considerado pela pesquisa: é quando o agricultor e sua família sentem-se mais desinibidos e familiarizados com o pesquisador; é quando ficam "mais livres" para falar por que já estão "entre amigos". Depois da entrevista, quando convidam o pesquisador para tomar um café na cozinha, por exemplo, parece que expressam determinadas idéias que apenas poderiam ser colocadas em um ambiente mais íntimo, como se tivessem saído de um cenário artificial e entrado em um ambiente mais conhecido e confiável.

[7] As entrevistas diretivas (ou estruturadas) são as que utilizam perguntas com formulação e posição predeterminadas na seqüência das entrevistas, nelas a liberdade do entrevistador é limitada. Na entrevista não-diretiva (ou não-estruturada), o tema, o campo de pesquisa e as perguntas são conhecidos antecipadamente, mas a formulação das questões é efetuada a critério do entrevistador (Almeida, 1989).

Extensão e aprofundamento dos depoimentos

Dois conceitos são considerados para selecionar a amostra da pesquisa: a **diversificação** (aplicar a primeira entrevista e, logo depois, abrir uma relação dos temas abordados; aplicar a segunda entrevista e, reavaliar a lista de temas; continuar com o mesmo procedimento para com os demais entrevistados, sempre ampliando o círculo de temas até o fechamento desse círculo, quando os temas começarem a tornar-se redundantes. Se a lista de temas for ampliada, torna-se necessário retornar aos primeiros entrevistados para recolher depoimentos das questões que não foram abordadas por eles); e a **saturação** que ocorre quando determinados temas tornam-se redundantes (quando os entrevistados repetem um depoimento idêntico, em relação a um mesmo tema).

Alguns autores recomendam que, quando atingida a saturação, o pesquisador poderá deixar de colocar as questões redundantes e utilizar o tempo para aprofundar-se nas demais questões; outros no entanto, recomendam que todos os temas devam ser tratados por todos os entrevistados, pois o conteúdo dos depoimentos deve obedecer a um padrão.

A extensão e o aprofundamento dos depoimentos dependerão do objetivo proposto pelo estudo. Como, em geral, o pesquisador busca explorar as relações socioestruturais de um espaço, o segmento de vida que lhe interessa é o que foi vivido e estiver enquadrado nessa relação. Ou seja, se uma pesquisa pretender reconstruir a história de vida do sistema associativo de uma comunidade rural, tudo o que estiver relacionado com esse alvo terá significado, mas as questões que delas não fizerem parte, terão um grau de interesse mais reduzido.

Restringir o âmbito do estudo é um recurso que deve ser seriamente considerado no planejamento da pesquisa, pois quando as informações não-relevantes são rejeitadas, os contornos da história tornam-se mais limitados e abrem espaço para aprofundar conhecimentos realmente relevantes. Traçando objetivos demasiado gerais e amplos para a história de vida, os resultados finais podem tornar-se ou superficiais ou gerais demais, dificultando o aprofundamento de determinadas questões.

O pesquisador deve esforçar-se para compreender a segmentação do discurso do entrevistado (às vezes, um depoimento que parece incluir informações de outro universo pode estar ligado ao objetivo do estudo em foco e ser, portanto, interessante). Para compreender a relevância de informações de outro universo para o que está sendo estudado, faz-se necessário identificar como os entrevistados constroem e dão sentido às unidades improvisadas de sua vida real:

prestar um depoimento de vida não é simplesmente relatar uma cronologia de acontecimentos, é um esforço que o indivíduo entrevistado faz para dar sentido aos acontecimentos de sua história vivida e para relacioná-los à situação presente, avaliando o que faz sentido agora (Bertaux, 1976).

Planejar a extensão e o aprofundamento dos depoimentos que se pretende coletar depende da sensibilidade do pesquisador. Por exemplo, quando se pergunta aos agricultores filiados a uma associação: "como é que vocês se tornaram agricultores associados?" É diferente e muito menos eficiente do que quando se pede que contem suas vidas até o momento em que se transformaram em agricultores associados.

O enfoque dos depoimentos será muito mais interessante e completo se os entrevistados julgarem que a pesquisa está mais interessada neles próprios, do que em sua profissão ou na associação da qual fazem parte. Não restam dúvidas de que a pesquisa alcançará um resultado muito mais rico, se se mostrar mais interesse no agricultor do que em sua forma de organização.

A transcrição das entrevistas

Transcrever o mais rapidamente possível as informações que forem registradas durante as entrevistas é um procedimento fundamental. É o que os franceses chamam de exame "à chaud" (enquanto as informações ainda estiverem "quentes").

Quando se fala em transcrever informações, não se está fazendo referência apenas ao que foi perguntado pelo entrevistador e respondido pelo informante, mas a tudo o que está a sua volta, desde as expressões faciais ou corporais do entrevistado (expressões de alegria, desdém, entusiasmo, desânimo, descrença, esperança) até as interferências dos familiares ou dos vizinhos. Às vezes, uma pequena participação da família no ambiente onde a entrevista está sendo realizada pode destruir completamente a verdade de uma afirmativa do agricultor ou evidenciar uma meia-verdade enunciada por ele.

Por exemplo, em uma comunidade onde se constatou uma ascendência muito forte dos homens sobre as mulheres, um dos primeiros entrevistados estava dizendo que, naquela região, os homens não eram "machistas" e que ele costumava ser muito liberal com as mulheres de sua família. Enquanto isso, observava-se que, às suas costas, na cozinha, a esposa e os filhos que escutavam o depoimento, saíram de casa para rir e não serem ouvidos pelo que prestava o depoimento.

A transcrição das informações é complexa porque, mesmo que um roteiro seja elaborado para direcionar as

conversações, os agricultores costumam responder às perguntas ainda não colocadas e fazem correlações com outros assuntos que serão abordados mais adiante, obedecendo à linha de raciocínio que eles próprios estabelecem, à medida que o diálogo avança.

Sugere-se que as entrevistas sejam transcritas de forma clara, de maneira a permitir uma leitura agradável do conjunto de informações (quase como se se estivesse lendo um texto literário). Não deve haver preocupação em estabelecer uma seqüência lógica para os textos, já que a técnica de análise do conteúdo dos discursos não exige que as informações estejam nas mesmas posições do roteiro utilizado para as entrevistas.

Ao transcrever as entrevistas, muitas vezes, ocorre que sejam percebidas informações "novas" (que não haviam sido mencionadas pelos primeiros informantes). Caso essas informações pareçam relevantes ao estudo, nada impede que o pesquisador retorne aos primeiros entrevistados para complementar esses dados. Essa é mais uma das razões para se trabalhar os depoimentos enquanto ainda estiverem "quentes".

O registro das entrevistas pode ser feito em folhas soltas, mas é recomendável usar um caderno para registrar as informações complementares (fornecidas por outros informantes que não os selecionados como a população a ser entrevistada ou recolhidas por meio de observações da própria equipe de pesquisa).

Recomendações básicas: transcrever o material recolhido de maneira que possa ser lido como um livro, na mesma ordem de aplicação das entrevistas (paginar as folhas). Concluída a aplicação das entrevistas, reler algumas vezes todo o material como uma totalidade. Confrontar os depoimentos com a teoria (a leitura dos depoimentos apenas será válida se se basear na teoria inicial). A partir desse ponto, as hipóteses formuladas inicialmente podem ser negadas ou confirmadas, ou novas hipóteses serem propostas. Essa é uma das características da técnica: admitir a inclusão de novas idéias e a construção de novos objetivos, durante o processo de pesquisa.

Análise dos discursos

Coletar histórias de vida é uma questão de relação social. Cada depoimento recolhido constitui um material específico a ser analisado em relação aos demais. Utilizando a técnica de comparação dos depoimentos, torna-se possível identificar os diferentes tipo de vivência, para relacioná-los com as diferentes variáveis capazes de explicá-los (Bertaux & Bertaux-Wiame, 1978). Isto é, os discursos não farão sentido se forem interpretados isoladamente. Por essa razão, ao adotar a história de vida como técnica de pesquisa, a preocupação essencial deverá ser a de evitar o erro metodológico de centrar a atenção sobre determinados depoimentos em detrimento de outros, pois a intenção é esclarecer o movimento histórico provocado pelo grupo social e não, por apenas alguns dos membros da população entrevistada.

Ao contrário das pesquisas neopositivistas, nas quais a análise era efetuada somente depois da coleta de todos os dados (*data analysis*), nos processos qualitativos, como o da história de vida, a representação é construída ao longo do processo de coleta: é uma construção progressiva do objeto estudado que utiliza um mínimo de procedimentos técnicos, mas um máximo de reflexão. A análise dos dados, praticada pelos métodos qualitativos de pesquisa, também é distinta da tradição hermenêutica que buscava a representação com base na interação dos significados subjacentes, contidos nos textos (Kholi, 1981).

Ao contrário das questões definidas pelos questionários-padrão (imutáveis durante toda a realização da enquete), o roteiro das entrevistas não-diretivas pode ser alterado à medida que os informantes se sucederem.

Por exemplo, em uma pesquisa realizada em uma associação de pequenos produtores rurais, uma das questões incluídas no roteiro de perguntas foi: "em relação ao movimento associativo, qual a previsão de futuro para seus filhos?" As respostas dadas pelos primeiros informantes mostraram que a construção do questionamento feito pela pesquisa estava muito fechada. A ausência de intenção dos agricultores em pretender influenciar os filhos para ingressarem no movimento associativo, levou então a modificar a formulação da pergunta, para: "qual é o futuro que você gostaria que seus filhos tivessem?". Por intermédio da nova construção (bem mais aberta) o informante tanto poderia referir-se ao movimento associativo, como às outras perspectivas de futuro para os filhos.

Quanto mais criteriosa for a seleção inicial dos informantes tanto maiores serão as chances de transformar os depoimentos de um em relação ao dos outros; e, melhor será também a qualidade da análise em processo. Ademais, é importante lembrar que, além dos problemas da análise sobre a questão socioestrutural, existem ainda os referentes aos aspectos sociosimbólicos, expressos ou latentes nas entrevistas e que podem desempenhar papel fundamental na geração dos resultados. Por exemplo: necessidade de investigar a razão pela qual todas as mulheres de uma comunidade expressaram-se na primeira pessoa do plural (nós) enquanto os homens usaram a primeira do singular (eu).

Para facilitar ao pesquisador o conhecimento dos textos das entrevistas transcritas e para extrair deles o máximo de

informações (aspecto quantitativo), com o máximo de pertinência (aspecto qualitativo), Bardin, 1988, recomenda o uso da análise de conteúdo dos discursos. Simplificando essa recomendação, pode-se sugerir a desconstrução dos textos, segundo variáveis definidas, inicialmente, e sua reconstrução temática. Por exemplo, em um estudo no qual se pretenda analisar cinco sistemas sociais, poderiam ser definidas oito variáveis para cada sistema e entrevistada uma população de aproximadamente 50 informantes.

Para efetuar a análise dos discursos, basta atribuir um número a cada uma das variáveis planejadas pelo estudo. Por exemplo, supondo que a "preocupação com o futuro dos filhos" tenha sido definida no planejamento como a variável número 27, para comparar e analisar o conjunto de entrevistas, basta indicar esse número na margem do texto de cada entrevista, ao lado dos parágrafos em que ela for mencionada. Quando todas as entrevistas estiverem arquivadas em uma pasta e todos os textos com as variáveis marcadas, para analisar a opinião dos entrevistados sobre "a preocupação com o futuro dos filhos", deve-se concentrar a leitura apenas nos parágrafos marcados com o número 27 (ver exemplo na Figura 1).

Para compreender a evolução de um movimento social é necessário pesquisar como essa evolução aconteceu e isso apenas é possível se for efetuada uma pesquisa diretamente com os que foram agentes e produtos dessa evolução. Porém, essa tarefa não é tão fácil de realizar porque "a forma como os indivíduos representam-se e apresentam as suas condições de existência mostra uma realidade opaca e resistente" (Morin, 1975). Por essa razão, cabe ao pesquisador, mediante a diversidade de acontecimentos que compõe cada entrevista, questionar-se sobre o significado total das histórias coletadas. Cada depoimento deve ser considerado como uma leitura individual e crítica da situação que precisa ser examinada à luz da teoria e dos objetivos propostos na pesquisa.

Considerando que cada depoimento oferece uma leitura pessoal e crítica da realidade, o projeto de pesquisa nada mais é do que um meio para ler situações e experiências biográficas, um reservatório de material teórico e simbólico graças ao qual os conhecimentos coletados podem ser colocados como externos à situação. Nessa perspectiva, os depoimentos transformam-se em veículos que permitem conhecer o passado para compreender e interpretar o presente. A técnica permite refletir sobre o vivido e sobre as condições de existência.

Apresentação dos resultados

Na opinião de Bertaux, 1980, o sucesso da publicação dos resultados de algumas das pesquisas que utilizaram os métodos biográficos, como os da história de vida, deveu-se à habilidade de grandes escritores que manipularam seus conteúdos, permitindo que o texto "deslizasse como a água que verte de uma fonte". Os pesquisadores, cativados por esses exemplos de sucesso, mas sem o talento literário necessário, produziram textos que "encalharam" nas livrarias.

Essa é a razão pela qual, segundo Bertaux, 1980 apenas devem ascender ao estágio de publicação, as histórias de vida construídas por dois autores: um narrador e outro, pesquisador, pois "não existe nada mais desagradável do que a simples transcrição das memórias de pessoas que falam apenas delas mesmas". Por meio da arte do escritor, os leitores conseguem ver o mundo onde os informantes estão inseridos e não, apenas, conhecer seus depoimentos: "a realidade pode ser vista como se fosse um periscópio que torna o mundo analisado mais transparente".

Podem ocorrer casos, no entanto, em que o próprio pesquisador seja detentor de dons literários (o que é raro), o que permite tornar fluida a descrição de histórias de vida e transformar uma pesquisa em um sucesso literário. Como exemplo, cita-se a obra "Colonos do Vinho", da autoria do Sociólogo José Vicente Tavares dos Santos[8].

Síntese da metodologia

Resumindo o que foi abordado sobre a metodologia para o uso da técnica de história de vida, citam-se os seguintes passos:

- Quem e quantos deverão ser entrevistados?

O número de informantes não é fixo, porém, deverá ser o mais diversificado possível (segundo sexo, faixa etária e posição ocupada nos subconjuntos de relações estruturais). Esse número pode ser ampliado ou reduzido conforme o grau de saturação das respostas.

- As entrevistas deverão ser diretivas, ou não?

As entrevistas deverão ser não-diretivas (o tema, o campo de pesquisa e as perguntas conhecidas antecipadamente, mas a formulação das perguntas efetuadas a critério do entrevistador). É necessário elaborar o roteiro que irá conduzir as perguntas (com base nas variáveis que se deseja analisar).

- Deverão ser coletados depoimentos parciais ou completos?

A extensão e o aprofundamento dos depoimentos

[8] SANTOS, J. V. T. Colonos do vinho: estudo sobre a subordinação do trabalho camponês ao capital. São Paulo: Ed. Hucitec, 1984. 182p.

dependerão do objetivo da pesquisa, portanto, questões fora desse universo não deverão ser colocadas, pois não interessam e desviam os objetivos da pesquisa.

- Como deverão ser transcritos e analisados os depoimentos?

Os depoimentos deverão ser transcritos quando ainda estiverem "quentes", ou seja, o mais próximo possível do momento de aplicação da entrevista e enriquecidos com as observações do entrevistador. A análise deve ser construída à medida que as entrevistas avançarem. Para facilitar o trabalho, pode ser utilizada a técnica de análise de conteúdo dos discursos (marcando, nos textos, o número que corresponde a cada uma das variáveis que se deseja analisar).

Exemplo de Construção de uma História de Vida

A pesquisa utilizada como exemplo, tinha a finalidade de construir o perfil sociocultural, aproximado, dos pequenos agricultores organizados em associações no Município de Silvânia - GO. A intenção era a de levantar dados para compreender como os moradores de três comunidades da região foram levados a aderir ao movimento associativo e de saber se as associações instituídas por eles haviam proporcionado condições favoráveis para mudanças nas áreas econômica, social e tecnológica. Ao mesmo tempo, era objetivo do estudo recuperar informações que pudessem contribuir para refinar as estratégias dos diferentes projetos de pesquisa e de apoio técnico desenvolvidos, no local, naquela ocasião[9].

Os objetivos esperados pela equipe conduziram à idéia de reunir histórias de vida completas de alguns agricultores e de seus familiares e de usar o enfoque biográfico como uma das peças básicas no estudo. Na realidade, tratou-se de uma tentativa de reconstituir fatos que evidenciassem as estratégias utilizadas no tempo e no espaço pelas famílias dos agricultores, para tentar explicá-las conforme princípios coerentes e integrados a uma unidade maior. Segundo Glick, 1977 & Hill, 1964, analisar o comportamento da família – organização de base da vida quotidiana - é a estratégia mais eficiente empregada pelas pesquisas econômicas e sociológicas, pois permite correlacionar as normas dessa parcela da sociedade com os processos econômicos, sociais e políticos do espaço onde elas estão situadas.

Como objeto de estudo, foram escolhidas as famílias de três comunidades que apresentavam características físicas e socioeconômicas diferentes. Essas comunidades, situadas em pontos extremos do município, abrigam as três mais antigas associações criadas na região. Os informantes constituíram uma população de 52 agricultores associados e de seis dos técnicos que lhes prestavam apoio e assistência. Quando a saturação das respostas de algumas das variáveis não foi alcançada, foi necessário retornar aos primeiros entrevistados ou selecionar novos informantes. Dessa forma, foi identificado o momento exato da saturação das respostas de cada uma das variáveis estabelecidas. Em cada associação, foram selecionados sete homens e sete mulheres (entre 23 e 57 anos de idade), cada um deles representando os diferentes níveis de uma tipologia que estava sendo experimentada por um dos outros subprojetos[10].

A hipótese principal, formulada pelo estudo, foi a de que a organização dos agricultores familiares em associações é um instrumento favorável para promover a coesão social do grupo e para desencadear mudanças nas áreas econômica, social e tecnológica. Para cada um dos cinco sistemas previstos para a pesquisa, foram formuladas hipóteses específicas, utilizando-se o enfoque teórico proposto por Chayanov (1974) e por Mendras (1992).

Resumindo, pela teoria tomada como base neste estudo, tem-se que: no **sistema familiar**, o agricultor não assume decisões sozinho, precisa discuti-las com a família, com os vizinhos e com os amigos e precisa participar de grupos que o ajudem a assumi-las; o chefe da família é a maior autoridade na unidade produtiva, é o responsável pelas tarefas de produção, de direção e de contato com o mercado, porém, se a mulher participar das decisões, participará também das tarefas produtivas; e, no **sistema de valores e representações**, quanto mais a família estiver exposta às informações do meio externo tanto mais seu nível de necessidades será elevado e, conseqüentemente, maior estímulo ao trabalho ocorrerá; o agricultor inovador, em relação aos demais, apresenta um índice de cosmopolitismo mais elevado, o que lhe permite administrar a propriedade de forma mais eficiente; os interesses da coletividade não costumam preocupar os agricultores, salvo se, e à medida que, ele e sua família vislumbrarem algum interesse próprio.

---

[9] Subprojeto 09.094.003.03, subordinado ao Programa Sistemas de Produção da Agricultura Familiar, da Embrapa, e desenvolvido pela Embrapa Cerrados: **"Características sociológicas das organizações de pequenos agricultores de Silvânia-GO".**

[10] BONNAL, P. et al. **Os pequenos e médios produtores do Município de Silvânia, Estado de Goiás:** características gerais e tipologia das explorações agropecuárias. Planaltina: Embrapa Cerrados, 1992.

Sobre o **sistema de produção**, os mesmos teóricos dizem que: em relação às gerações anteriores, tanto as necessidades da família aumentam quanto suas estratégias para a organização da produção são aprimoradas; o aumento na produção pode ocorrer sem que se observe alteração na composição da família. Esse aumento depende do peso que as necessidades dos membros que compõem a família exercerem sobre o grupo familiar; e, sobre o **sistema fundiário**: o patrimônio deve ser capaz de fornecer trabalho e recursos para toda a família, no entanto, se o número de dependentes aumentar, a produção deverá ser intensificada para aumentar os recursos e o patrimônio; a ausência de patrimônio ou a presença de um patrimônio reduzido, excluem a possibilidade de continuação ou de perpetuação de um grupo doméstico grande.

Análise crítica da estratégia utilizada pela pesquisa

A excessiva quantidade de variáveis projetadas para o estudo (Figura 1), tornou muito longo o conteúdo das entrevistas e bastante pesada a tarefa de registro das informações (a extensão do roteiro previsto para cada entrevista permitia aplicar, no máximo, duas entrevistas por dia). Ou seja, foram gastos 24 dias úteis apenas para os procedimentos de coleta das informações. O volume de variáveis, ambicioso demais, justificava-se, na ocasião, dadas as circunstâncias em vigor quando do planejamento do subprojeto: a equipe multidisciplinar que encomendara o estudo não havia ainda fixado um interesse exato sobre os sistemas sociais que desejava que fossem identificados e detalhados.

Com base em uma multiplicidade de variáveis que buscava atender a objetivos excessivamente amplos, foi possível proporcionar uma visão geral da realidade porém e, justamente por isso, a história de vida das três associações de agricultores apresentou resultados, até certo ponto, superficiais sobre os sistemas estudados. Caso houvesse sido demonstrado interesse por sistemas sociais mais específicos, as possibilidades de cruzamento de variáveis tornar-se-iam mais restritas e, conseqüentemente, a busca por informações mais consistente e aprofundada. Portanto, a experiência serviu para demonstrar que não se deve trabalhar com grande número de variáveis.

A coleta dos depoimentos foi realizada por intermédio de contatos diretos e obedeceu, sempre que possível, à mesma ordem das variáveis estabelecida no planejamento do estudo.

As entrevistas foram executadas pelos dois sociólogos que faziam parte do "Projeto Silvânia", um vinculado à Embrapa Cerrados e o outro, ao Centre de Coopération Internationale en Recherche Agronomique pour le Développement – CIRAD. Enquanto um dos pesquisadores interrogava um entrevistado ou um grupo familiar, o outro observava o contexto onde se desenvolvia a entrevista, o comportamento das pessoas nesse espaço e o fluxo da comunicação não-verbal estabelecido. Essa estratégia buscava facilitar a captação do máximo de detalhes, e a exploração da riqueza de informações que poderia ser obtida de cada um dos contatos pessoais (expressões faciais, segurança ou insegurança, veemência, tristeza, alegria ou desprazer, manifestados tanto pelos entrevistados como por seus familiares).

Por haver sido proporcionada a oportunidade de retorno ao local, dez anos depois da realização do primeiro estudo, os dados relatados na história de vida, mostrada como exemplo neste documento, foram enriquecidos com informações que permitiram avaliar a realidade recente e de grande interesse social para a pesquisa. Isto é, a recente coleta de depoimentos mostra o comportamento de agricultores independentes da influência do apoio de órgãos externos.

Alguns resultados alcançados em uma das comunidades

As famílias dessa região apresentam comportamento regular e homogêneo e que demonstra bases muito sólidas em sua estrutura. Seus valores, usos e costumes podem ser explicados por um fenômeno histórico: são descendentes de imigrantes portugueses que trabalhavam como garimpeiros no Estado de Minas Gerais e vieram para a região de Silvânia-GO, há quatro gerações onde adquiriram grandes extensões de terras.

O estudo demográfico mostrou que a maior parte das famílias tem vínculo de parentesco entre si e com os três casais que fundaram a comunidade, pois cada um deles teve entre dez e quinze filhos os quais mais tarde, casaram entre si. A união dessas famílias explica a semelhança de comportamentos observada pela pesquisa. Provavelmente, o aumento do grau de escolaridade tenha contribuído para diminuir a taxa de natalidade (atualmente, as mulheres com menos de 40 anos, tiveram dois filhos e não têm a intenção de aumentar a família, enquanto aquelas entre 47 e 50 anos, tiveram sete filhos e as da geração anterior, uma média de doze filhos cada uma).

Como era antes? Como é agora? Nos depoimentos, ficou muito clara a relação entre o tempo histórico da comunidade e o tempo biográfico dos entrevistados. Para organizar o raciocínio durante as entrevistas, os agricultores catalogaram os eventos em fatos ocorridos no tempo de seus avós (Tempo I), de sua infância e de sua juventude (Tempo II) e do período depois da criação da associação (Tempo III).

Sistema de Produção

1. Intenção de modificar e organização da produção (visão do futuro).
2. Área de residência, deslocamento para a cidade, dependência do mercado.
3. Condições de trabalho, organização e produção da fazenda dos predecessores (terra, mão-de-obra, dependentes, necessidades).
4. Condições de trabalho, organização e produção da fazenda atual (adoção de novas tecnologias, uso de máquinas, área cultivada, mão-de-obra, dependentes, necessidades).
5. Consciência da evolução em relação à geração anterior.

Sistema de Valores e de Representações

6. Escolaridade da família atual.
7. Fontes de informação utilizadas (leitura, reuniões, TV, rádio, pesquisa e extensão, vizinhos, religiosos).
8. Fontes de informação dos predecessores.
9. Desejo de receber informação.
10. Desejo de informar.
11. Presença, ausência e adequação das informações.
12. Visão do meio externo (cidade). Desejo de permanecer no campo.
13. Atividade de liderança.
14. Influência de liderança.

Sistema Fundiário

15. Aquisição inicial das terras (título de pose).
16. Novas vendas ou aquisições.
17. Intenção de comprar ou de vender.
18. Como ocorrerá a transferência das terras.
19. Investimentos feitos na terra desde a posse (e intenção de fazer).
20. Existência de terras para comprar.

Sistema Familiar

21. Situação atual dos filhos (idade, sexo, educação, residência, trabalho).
22. Atividades sociais (esporte, passeios, caça, festas, jogos, religião, lazer).
23. Atividades de educação, cultura e saúde.
24. Comprometimento com a comunidade (mutirão, trocas de dia, apoio à escola, reuniões, cooperação).
25. Laços de relacionamento.
26. Controle de natalidade.
27. Preocupação com o futuro dos filhos (continuar no campo, profissão desejada, sucessão, estudos).
28. Visitas e freqüência de encontros.
29. Troca de idéias.
30. Atividades dos moradores da fazenda (dentro e fora).
31. A importância do trabalho feminino (na opinião dos homens e das mulheres).

Sistema Associativo

32. Benefícios advindos dos financiamentos externos.
33. Outros benefícios que a associação presta.
34. Grau de coesão e de participação dos sócios (liderança).
35. Exposição dos sócios e da associação à informação.
36. Comunicação sócio/diretoria/elementos externos.
37. Produtores não-incluídos no processo (idade, área, dependentes).
38. Benefícios da associação em relação ao tipo do sócio.
39. Benefícios da associação em relação às categorias (jovens, mulheres, homens).
40. Mudanças ocorridas com a associação.
41. Apoio recebido pelas associações (impacto, eficiência, aceitação, adequação, necessidades, papel).
42. Efeitos das novas normas do FCO (coesão...)

Figura 1. Variáveis utilizadas para analisar os sistemas sociais das famílias de agricultores filiados a associações de pequenos produtores rurais.

Tempo I – Fatos Ocorridos no Tempo dos Avós

Parece que o grupo familiar era mais feliz em alguns aspectos porque, segundo os depoimentos, "não havia preocupação com coisas novas e as pessoas eram mais simples". Muitos habitavam a mesma casa; havia tranqüilidade e muita fartura de alimentos; não costumavam vender quase nada, praticavam o escambo para adquirir as poucas coisas que precisavam buscar na cidade; havia muita terra e espaço de trabalho para todos os homens (a terra era muito mais fértil); raramente afastavam-se da propriedade para visitar os vizinhos (e, quando isso acontecia, demoravam muito para cobrir as distâncias, porque iam a pé ou de carroça); poucos estudavam; o pai - chefe da propriedade e da família – era quem ia à cidade; as mulheres desempenhavam atividades domésticas, cuidavam da horta e da criação de pequenos animais e recebiam poucas informações de fora, porque quase não saiam de casa.

Tempo II – Infância e Juventude dos que Prestaram os Depoimentos

Nesse período, a comunidade que deu origem à associação era composta por 16 famílias que reuniam, aproximadamente, cem pessoas entre as quais 60% do sexo masculino. Apesar de mais elevado do que o da geração anterior, o nível de estudos de 88% dos pais ia apenas até a quarta série primária.

Os laços de parentesco e de vizinhança e a prática da mesma religião foram fatores que contribuíram para reforçar a solidariedade entre os membros da comunidade e para que aceitassem, com naturalidade, as primeiras interferências técnicas promovidas por uma instituição externa – o escritório de Silvânia da Emater-GO. Analisando as repercussões posteriores desse evento, pode-se considerá-lo como o "momento 1" da introdução do movimento associativo na comunidade. Isto é, ainda não se tratava de uma "idéia pensada" sobre a criação de uma associação, mas da predisposição do grupo para a prática de ações tecnológicas coletivas.

No início dos anos 80, esse grupo começou a participar de reuniões técnicas e concordou em subdividir-se em grupos menores para participar das atividades promovidas pelos extensionistas rurais. Diversos problemas haviam sido detectados na comunidade: altos custos de produção, baixa produtividade, dificuldade para comercializar, falta de união para produzir e falta de máquinas. Nessa ocasião, diversas ações recomendadas pelo modelo norte-americano e adotadas em todo o País pela Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural - Embrater foram introduzidas na comunidade.

As famílias foram subdivididas em grupos de 46 participantes (quatorze homens, doze mulheres e 20 jovens). No "Clube 4S"[11], os jovens atuaram durante três anos no Movimento "Jovem por um Ideal". Nessa ação, tiveram a oportunidade, pela primeira vez, de elaborar regulamentos em conjunto, de votar e de serem votados para constituir as diretorias dos grupos e o interesse despertado para a importância de participar do desenvolvimento da região. Organizaram encontros entre os agricultores de diversas comunidades para discutir questões de cooperação e de comercialização conjunta. Com a renda da comercialização de alguns produtos, durante o primeiro encontro que realizaram (ao qual compareceram 250 agricultores), construíram a primeira área de lazer da comunidade. Nos outros dois encontros, introduziram concursos de produtividade (arroz, milho, feijão e horta caseira) e concursos recreativos.

Em 1982, receberam da Emater e da LBA o título de "Comunidade Demonstrativa do Município" e ficaram incumbidos de empenhar-se nas áreas econômica e social para "modificar para melhor a situação existente e servir de exemplo para outras comunidades". Começaram a receber recursos financeiros para a prática de determinadas ações que, segundo os depoimentos, destinavam-se a atrair para o programas os agricultores "insensíveis" as orientações dos técnicos, a estimular a organização em associações e a sensibilizar as autoridades para darem apoio ao pequeno agricultor. Durante a execução desse programa, as mulheres da comunidade destacaram-se no interior do grupo e fora dele. Uma delas, selecionada para participar de um evento nacional, organizado pela Embrater em Brasília, foi depois eleita a representante de todas as mulheres rurais do Estado de Goiás.

Grande parte dos que compunham o grupo de jovens, casou-se e teve os primeiros filhos nessa ocasião, alguns começaram a participar das atividades quando solteiros e continuaram depois de casados, incluindo a esposa na prática das ações coletivas.

Tempo III – Criação da Associação

A criação da associação pode ser considerada como o terceiro tempo histórico nos depoimentos dos agricultores. Nas narrativas, esse momento fixou o marco entre "como era antes e como é agora".

A necessidade de captar recursos para sustentar as despesas decorrentes das ações coletivas que praticavam foi, segundo os depoimentos, a principal razão para haverem constituído a associação dos pequenos produto-

[11] O Sistema de Extensão Rural, desde que foi implantado no Brasil, buscou atender não apenas o produtor rural, mas também a sua família. Dentro desse espírito, criou os "Clubes 4S" (sentir-saber-saúde-servir), com o objetivo de aprender a fazer, fazendo. Existiam no País 1700 clubes, que reuniam 67 mil jovens entre 14 e 25 anos (Sperry, 1997).

res rurais da região. Acostumados a usar coletivamente o trator da prefeitura, pensaram na possibilidade de reunir um grupo formal para adquirir um trator por intermédio de financiamento bancário. Um dos membros da comunidade que trabalhava em outra região onde já havia uma associação, iniciou as primeiras discussões sobre as vantagens de criarem uma na comunidade e mostrou as possibilidades de solicitarem um crédito bancário por meio dela (no caso, o FCO – Fundo Constitucional de Financiamento do Centro-Oeste). Depois de discutirem a idéia entre si e com os técnicos que lhes prestavam apoio na ocasião (técnicos da Emater-GO, da Embrapa – CPAC, da Empresa Goiana de Pesquisa - EMGOPA e do CIRAD que atuavam em conjunto na região no âmbito do Programa "Convivência com os Cerrados", da EMBRATER)[12], criaram a associação em 27 de junho de 1989 na qual 27 homens e mulheres associaram-se.

A idéia da criação da associação foi consolidada em três momentos. No primeiro, no início dos anos 80, com a predisposição estimulada pela Emater-GO; no segundo, quando a idéia tomou corpo, tendo como base as ações coletivas praticadas pelo grupo; e o terceiro, no final dos anos 80, quando a idéia concretizou-se com o aconselhamento técnico de diferentes órgãos externos. No entanto, um quarto momento, pode ser sugerido – o da emancipação do grupo da tutela de apoios externos –, o que ocorreu quando a associação decidiu unir-se àquelas que também haviam sido criadas em outras comunidades, para fundar, na sede do município, um órgão que centralizaria a coordenação das atividades e representaria os pequenos agricultores da região filiados ao movimento. Nesse momento, os agricultores, já seguros de sua posição, assumiram um serviço próprio de assistência técnica.

Como eram o sistema familiar e o de valores na comunidade, antes da criação da associação e como são agora? Segundo os entrevistados, tudo mudou porque não têm mais "tempo a perder", precisam tratar da propriedade e do gado e atender a negócios externos. Continuam sociáveis, mas não têm mais tempo a perder com visitas, encontram-se apenas nas reuniões da associação e da central das associações, nas ações coletivas, nas rezas, nas feiras da cidade e nas festas que continuam sendo comemoradas, embora, em grande parte, não sejam mais organizadas nas propriedades, mas na sede da associação e os que as freqüentam, em geral, são os mais velhos, pois os mais jovens preferem as festas da cidade.

Estão hoje mais interessados em fornecer informações sobre eles mesmos e em receber mais informações do que antes, mas acham que é preferível movimentar-se e fazer contatos do que receber as informações pela televisão. A maior transformação no comportamento dos integrantes da comunidade ocorreu, no entanto, no grupo de mulheres. Depois de seu ingresso nas atividades coletivas proporcionadas pela associação, a vida dessas mulheres transformou-se: começaram a participar das decisões na família e na associação, a tomar decisões de forma independente, a participar de tarefas produtivas e a fazer contatos externos. As segundas-feiras ficaram consagradas como os dias em que os homens costumam ir à cidade; as mulheres vão à cidade na metade da semana e aos domingos para vender seus produtos nas feiras organizadas pela prefeitura.

As atitudes culturais entre os homens e as mulheres são muito marcantes e as responsabilidades do trabalho bem definidas. Segundo os homens, as mulheres podem fazer o que quiserem, com a condição de que suas responsabilidades tradicionais não sejam descumpridas (casa / filhos / marido). O peso cultural dessa verdade continua tão forte que influencia o raciocínio do grupo impedindo-o de interpretar adequadamente a situação. Apesar de algumas mulheres estarem praticamente sustentando a família, falam baixo sobre a questão para que os maridos não as escutem.

Continuam considerando, com muita seriedade, seus compromissos com o grupo e com a sociedade; arrendam terras sem precisar de documentação oficial e mantêm seus compromissos em dia com os bancos e com o comércio. Mas, acreditam que algumas de suas formas de solidariedade estão diminuindo de intensidade ou modificando-se. Citam o mutirão como exemplo, antes, para cumprir determinada tarefa precisavam de muita gente, mas hoje, poucos podem fazer muita coisa com o auxílio das máquinas. Ademais, se muitos se juntassem para ajudar, ficaria tão cara a alimentação para quem fosse ajudado que mais valeria a pena contratar gente de fora.

O grau de necessidades da família aumentou. Inovações foram agregadas às residências sem, no entanto, alterar sua aparência geral: foram comprados móveis, refrigeradores, televisores, antenas parabólicas, freezeres, fornos elétricos, fogões a gás, liqüidificadores, batedeiras de bolo e ferros elétricos para passar roupa. As casas foram reformadas e veículos, adquiridos.

O relacionamento das famílias associadas com a coletividade, em geral, não mudou, continuam mantendo pouca comunicação com os grandes produtores da região e perderam grande parte do interesse pelo grupo escolar da comunidade, já que a maioria dos filhos começou a estudar na cidade, depois que passaram a contar com as facilidades de transporte proporcionadas pela associação. O nível de escolaridade entre as duas gerações atuais modificou-se, enquanto os pais haviam estudado, no máximo até a quarta série da primeiro grau, 91% dos

[12] O programa "Convivência com o Cerrado", instalado em 1986, era uma proposta de ação da Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural - EMBRATER que, no Município de Silvânia, contava com a participação de diferentes instituições: a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Goiás – EMATER,GO; a Empresa Goiana de Pesquisa Agropecuária - EMGOPA; o Centro de Pesquisa Agropecuária dos Cerrados, da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, CPAC-EMBRAPA e o Centre de Coopération Internationale en Recherche Agronomique pour le Développement - CIRAD.

filhos, com mais de dez anos de idade, já atingiram esse nível e 35% completou o segundo grau. Segundo os depoimentos, antes não estudavam porque a família trabalhava e morava junto e ninguém precisava sair da comunidade.

Nos depoimentos, observa-se que as famílias, apesar de algumas decepções atribuídas ao movimento associativo, sentem-se felizes em relação às gerações anteriores: disseram que as coisas são mais fáceis para eles e que mesmo possuindo menos terras do que seus avós, podem ficar mais próximas umas das outras.

Como o sistema fundiário e de produção era na comunidade, antes da criação da associação e como é agora? Ficou evidenciado que os fatores de produção de que dispõem atualmente são o grande diferencial do grupo em relação às gerações anteriores. Dispõem de pouca terra. Produzem em pequenas extensões herdadas da família ou, encontram-se em situação de pré-herança. No entanto, estão satisfeitos com a situação e não pensam em aumentar a propriedade (nem poderiam fazê-lo porque, segundo eles, na região, não existem outras áreas disponíveis para comprar). Lembram que seus avós dividiram as grandes extensões que possuíam entre mais de dez filhos, o mesmo acontecendo com seus pais e agora, mesmo tendo tido poucos filhos, estão impedidos de continuar praticando essa subdivisão, porque isso tornaria praticamente inviável a produção nas propriedades.

Para explorar a propriedade, contam com muito menos mão-de-obra do que nas gerações anteriores, pois, além de terem tido menos filhos, muitos não podem contar com eles, uma vez que a maioria estuda fora. Porém, não encaram esse fato como um problema porque, além de produzirem em áreas pequenas, dispõem de facilidades com as quais as gerações anteriores não contavam: as oferecidas pelo movimento associativo, as tecnologias, o apoio técnico e as máquinas e ainda continuam contando com àgua em abundância. Mas, mesmo assim, gastam mais do que seus pais e avós gastavam para produzir, mas vale a pena uma vez que o retorno é muito maior do que antigamente.

Segundo os depoimentos, as gerações anteriores plantavam fumo, feijão, cana-de-açúcar e banana e criavam aves e suínos. Usavam apenas equipamentos manuais e de tração animal para o preparo do solo e não usavam fertilizantes. Não vendiam a produção na cidade, os compradores vinham comprar na propriedade. Com o apoio da associação e com a assistência técnica, aumentaram em aproximadamente 60% a área cultivada da comunidade. A produção e a produtividade aumentaram, formaram pastagens, aumentaram e melhoraram os rebanhos de gado de leite. Abandonaram a maior parte dos produtos e das criações anteriores e concentraram-se na pecuária e na venda do leite. Apesar de reconhecerem a contribuição da associação para o alcance desses resultados, culpam a organização por muitos eventos negativos nos quais se incluem os atritos entre as famílias e, principalmente, os problemas causados pela elevação dos juros bancários e pelos preços baixos pagos pela venda do leite.

A associação vista, inicialmente, apenas como uma estratégia para captar recursos financeiros para adquirir máquinas e equipamentos, pouco a pouco, introduziu a prática de determinadas ações: uso coletivo de tratores, de uma caminhonete, do bujão de inseminação artificial, de uma máquina de beneficiar arroz e à prática de lavouras comunitárias, venda coletiva de leite, compra coletiva de insumos e produção coletiva de doces de leite em uma pequena agroindústria. Alguns desses empreendimentos vingaram e tornaram-se tradicionais na comunidades, outros foram transformados dando origem a novas formas de trabalho e outros ainda, abandonados.

A lavoura comunitária, pode ser citada como um exemplo das ações coletivas que praticam, tendo assumido diferentes formas, transformou-se e deu origem às novas estratégias, mas que ainda não satisfizeram ao grupo. Nas duas primeiras, realizadas um ano depois da criação da associação e no ano seguinte, todos trabalharam fosse preparando o solo, plantando, colhendo ou preparando refeições para os que trabalhavam. Na primeira, o produto foi dividido entre todos os sócios, na segunda o produto foi vendido. Metade do ganho foi dividido entre os sócios e a outra, destinada ao caixa da organização. A partir do terceiro ano, a lavoura começou a ser financiada. No ano agrícola de 1995/1996, concluíram que seria mais interessante reunir apenas os sócios mais interessados. No ano de 1997/1998, financiaram três lavouras comunitárias e começaram um novo processo: arrendaram terras e convidaram mais duas associações para explorarem, juntos, uma grande lavoura comunitária.

Outro exemplo de ação coletiva, iniciada de uma forma e continuada por um modelo completamente distinto foi a produção coletiva de doces em uma fábrica artesanal. A fábrica foi praticamente imposta à associação, porque era uma exigência do primeiro financiamento bancário demandado pelo grupo. Os resultados iniciais, alcançados pelas mulheres nesse empreendimento, foram tão significativos que atraíram para elas não apenas a atenção dos clientes e do público em geral, mas também da imprensa: transformaram-se em "notícia de jornal e televisão". A fábrica, além de sustentar a produção e de garantir algum ganho pessoal, foi capaz também de cobrir uma parte do financiamento bancário inicial. Tal fato, aceito com naturalidade e orgulho no início pelos homens, começou a molestá-los, pois os ganhos, na agricultura familiar, costumam ser alcançados com os meios de produção gerados pela família em que o homem é o chefe e o responsável.

No momento em que as mulheres começaram a adquirir fora a matéria-prima necessária para produzir e a tomar decisões independentes, a situação tornou-se insustentável porque os homens não aceitaram a idéia de duas empresas coexistindo (a fazenda e a fábrica). As discussões

avolumaram-se em torno do problema, o que acabou levando os sócios a se dividirem em dois blocos opostos. Para acalmar os ânimos, as mulheres encerraram a prática de atividades no recinto da fábrica em 1996, mas não pararam de produzir nem de vender. Continuaram sustentando coletivamente as despesas de produção e de frete, mas produzindo individualmente, cada uma em sua casa e independente da associação Dizem que agora estão seguras sobre o que fazem porque conhecem o gosto dos fregueses, fabricam apenas o que eles querem e vendem, ainda, outros produtos demandados por eles (frangos, ovos, biscoitos doces e salgados):"fazemos bolo de mandioca apenas aos domingos e tem fila para comprá-lo".

Acreditam que a associação trouxe benefícios para todos, ajudou-os a evoluir economicamente, a resolver muitos de seus problemas e a ter seu interesse despertado para a importância dos compromissos e das decisões conjuntas. Mas, acham que ao congregar apenas membros da família, criaram dificuldades para o próprio grupo, pois as relações de parentesco tornam difícil a tomada coletiva de decisões. Adaptaram-se a um sistema capitalista de produção, no qual a parte econômica tornou-se primordial, situação nova para todos que demanda rapidez e agilidade nas decisões e que deu origem a comportamentos de poder e de dominação, responsáveis pela ruptura de algumas tradições culturais e por fenômenos de contradição e de conflito, pouco perceptíveis na comunidade antes da criação da associação, quando as famílias ainda atuavam de forma individual. A propósito, um dos entrevistados disse: "a felicidade é um processo que caminha" e graças à família, o que hoje possuem está sendo construído sobre o que seus antepassados construíram antes deles.

Associação dos Pequenos Produtores Rurais da Região de "Y"
(entrevista realizada em 27 de julho de 1993)

José da Silva (agricultor do tipo IV, 41 anos, sócio da Associação, grau de instrução – 6ª série).

Casado com Maria da Silva (33 anos de idade, 4ª série do primeiro grau, sócia da Associação Y).
Tiveram dois filhos, Roberto (12 anos de idade, 5ª série) e Elisa (9 anos de idade, 3ª série), católicos.
A residência dispõem de energia elétrica; casa com 63 m^2 . Vivem em uma propriedade com 20 ha de terra.
Possuem 25 cabeças de gado; cultivam milho, mandioca, arroz, feijão; criam dois suínos e 30 aves. Vendem galinhas, ovos e suínos. Produzem 20.500 litro de leite por ano.
Ele foi considerado, em 1980, líder entre os produtores e Maria líder entre as mulheres. Casaram em 1980 e vieram morar na comunidade. Sua casa tem sete quartos, com telhas comuns, cimento rejuntado. Possuem máquina de costura, rádio, filtro, forno elétrico, televisão e geladeira.

15 José: "essa terra aqui é de herança, veio de meu pai. Ainda não é minha. Trabalho nela. Não foi terra de compra, foi terra que veio dos meus avós e agora chegou até nós. Ainda não foi dividida, é terra usada em comum. Cada um trabalha num pedaço. Eu trabalho uma área separada de 5 alqueires. O total dela dá uns 24 alqueires. Ainda não foi transferida oficialmente, não temos sua escritura."

26 A esposa disse que não quer mais filhos, "agora os produtores que têm mais, são os que tem oito filhos os outros, tem de dois a quatro. Agora, quando se fala em quatro já é demais. Eu tenho dez irmãos. Dois
12 morreram, dos oito só três ficaram aqui. Tem um que está na propriedade do meu pai e o outro, mora na cidade. Parece que não gostam deste tipo de trabalho, entre os irmãos só eu sou associada. Eles não entra-
37 ram como sócios porque são mais quietos, fazem parte da turma que não acompanhou o movimento".

17 "José: eu penso que a terra é suficiente para tudo, porque depende muito do trabalho, depende do investi-
19 mento, se a gente tem condição de investir, ela é suficiente. Não quero comprar mais terra. Quero investir na que tenho. Mais terra não resolve".

27 "Eu prefiro que meu filho continue aqui, desde que haja condição de trabalho, e se ele gostar. A decisão é dele. Estuda em Silvânia, pega o ônibus e vai todo o dia. É bem melhor que ficar morando na cidade. Eu
23 queria, se ele tivesse vontade, que ficasse aqui; que fizesse um curso de técnico agrícola. Seria o ideal se ele
12 ficasse com a gente."

Figura 2. Trecho de uma entrevista prestada por dois informantes, na qual nove das variáveis a serem analisadas foram assinaladas.

Conclusões

Com a aplicação da técnica em campo, demonstrou-se que a história de vida é um instrumento eficiente para efetuar o diagnóstico dos sistemas sociais de comunidades rurais, pois a realidade de uma região foi levantada e seus resultados, quando discutidos com os agricultores, reconhecidos por eles. Com essa experiência mostrou-se, no entanto, que não basta a técnica ser reconhecida pelos cientistas sociais para que seja aceita, é necessário que todos os membros da equipe multidisciplinar reconheçam-na e participem de sua aplicação.

Constatou-se que os membros da equipe que não participaram do estudo, tiveram dificuldade em aceitar a metodologia qualitativa utilizada, perceberam os resultados como avaliações críticas ou informações supérfluas e desnecessárias. Segundo eles, os dados recuperados, apesar de nunca haverem sido registrados antes, já eram do conhecimento geral. Mais tarde, um dos técnicos declarou-se decepcionado, pois esperava que a história de vida apresentasse soluções para o desenvolvimento da região (quando a finalidade da pesquisa, com base nos depoimentos pessoais, é a de mostrar a realidade de um grupo social e, não, a de modificar o seu comportamento).

Lição básica depreendida da experiência: o sucesso de uma pesquisa destinada a levantar a realidade social de uma comunidade rural por meio da história de vida, está intimamente ligado a práticas que envolvam todos os membros da equipe multidisciplinar de um projeto de Pesquisa & Desenvolvimento[12]. Esse raciocínio é válido, também, para o momento do planejamento dos objetivos do estudo, pois eles funcionam como a base para a execução de cada etapa do trabalho de campo, para a construção dos resultados e para a fixação do padrão esperado de resultados, o que impede a formulação de falsas expectativas.

Para que ocorra a integração de uma equipe de pesquisa na utilização da técnica de história de vida, é necessário que as diversas áreas especializadas concordem em abrir mão de alguns de seus princípios, pois o uso eficiente da coleta de depoimentos pessoais, em situações que prevêem mudanças (como é o caso das comunidades rurais), depende da ação conjunta de todos os que participam no planejamento de um processo de desenvolvimento. Portanto, a administração de uma pesquisa que utiliza esse método em um projeto de desenvolvimento rural não deve, nem pode, ficar restrita aos cientistas sociais, a responsabilidade precisa ser partilhada por todos os que dependem dos resultados esperados deste estudo.

Grande parte das dificuldades poderia ser contornada, caso a comunicação entre os agricultores e entre eles e os técnicos (e, entre os próprios técnicos), fosse considerada como a dimensão mais importante dos projetos que se dedicam à agricultura familiar. No entanto, não é fácil criar um ambiente propício para a comunicação. Mas, não é impossível criá-lo. Reconhecer que essa é a dificuldade maior das equipes multidisciplinares, já é um passo importante para começar a modificar a realidade. Estudando essa questão em um projeto de P&D desenvolvido pela Embrapa, D'Incao, 1997 afirmou: "faz-se necessário revisar alguns princípios metodológicos que vêm sendo adotados porque, sem isso, as equipes técnicas não conseguirão avançar ou apropriar-se dos novos conhecimentos que lhes estão sendo oferecidos".

Aos técnicos que optarem pela agricultura familiar como objeto de trabalho, cabe superar os desafios lançados por esse tipo de pesquisa, mas também, atuar entre dois espaços extremamente ricos: o seu próprio e o que vem sendo acumulado pelos agricultores por sucessivas gerações. Utilizando técnicas qualitativas de pesquisa, alguns dos meios necessários para criar a sinergia entre os sistemas de informação científica e os sistemas de informação dos agricultores podem estar sendo enunciados. Como não é possível "decretar" o diálogo entre as partes e para evitar o risco de impor uma problemática aos agricultores, o pesquisador deve ter clareza sobre os pressupostos teóricos e práticos de seu posicionamento ante a realidade na qual pretende interferir com o seu trabalho e, para isso, precisa recorrer a estratégias, como os métodos qualitativos de pesquisa para poder atuar em determinados grupos sociais depois de haver reconstruído suas trajetórias de vida.

Agradecimentos

A autora agradece a colaboração do Sociólogo Demógrafo, Florent Ferraris, companheiro na primeira fase da pesquisa sobre a história de vida das comunidades de Silvânia.

Agradecimentos devem ser registrados, ainda, aos agricultores das Associações de Pequenos Produtores Rurais das Regiões de Kilombo, de Limeira e de Variado, sem o apoio e a amizade dos quais esta publicação não teria sido realizada.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, J. A. ***Pesquisa em extensão rural**: um manual de metodologia. Brasília: ABEAS: MEC, 1989.*

[12] O estudo em questão estava subordinado ao Projeto da Embrapa Cerrados, "Uso de P&D para o desenvolvimento da pequena agricultura da região de Silvânia-GO".

BALAN, J.; JELIN, E. La structure social dans la biographie personelle. **Cahiers Internationaux de Sociologie**, Evry Cedex, v. 69, p. 269-289, 1980.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Ed. 70,1988. 225 p.

BASTIDE, R. Introdução a dois estudos sobre a técnica das histórias de vida. **Sociologia**, São Paulo, v. 15, n. 1, 1953.

BERTAUX, D. **Histoires de vie – ou récites de pratiques?**: methodologie de l'approche biographique en sociologie. Paris: Rapport au CORDES, 1976.

BERTAUX, D.; BERTAUX-WIAME, I. Connaissance de la bulangerie en France: une expérimentation de l'approche biographique. In: CONGRÈS MONDIALE DE SOCIOLOGIE, 9., 1978, Uppsala. **[Annales]**. Upssala: [s.n.], 1978.

BERTHAUX, D. L'approche biographique: sa validité méthodologique et ses potencialités. **Cahiers Internationaux de Sociologie**, Evry Cedex, v. 69, p. 198, 1980.

CAMARGO, A.; HIPPOLITO, L.; LIMA, V. R. A história de vida na América Latina. **B.I.B.,** Rio de Janeiro, n. 16, p. 5-24, 1983.

CHAYANOV, A .V. **La organización de la unidad económica campesina**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1974. 342 p.

COSTA, C. **Sociologia.** 2. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

D'INCAO, M. C. **Reflexão sobre a determinação social e a abordagem interdisciplinar no estudo da questão ambiental**. Jaguariúna: [s.n.], 1997. 18 p. Apostila do Seminário Agricultura Familiar como Base do Desenvolvimento Rural Sustentável, Jaguariúna, 1997.

GAGNON, N. Données autobiographiques et praxis culturelle. **Cahiers Internationaux de Sociologie**, Evry Cedex, v. 69, p. 291-304, 1980.

GLICK, P. C. Updating the life cycle of the family. **Journal of Marriage and the Family**, Minneapolis, MN, v. 39, p. 5-13, 1977.

HAGUETE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1987.

HILL, R. Methodological issues in the family development research. **Family Process**, Rochester, NY, v. 3, p. 186-206, 1964.

KHOLI, M. Biography: account, text, method. In: BERTAUX, D. (Ed.). **Biography and society**: the life history approach in the social sciences. London: Berkley: Sage, 1981.

KOMINSKY, E. Pesquisas qualitativas: a utilização da história de vida e de depoimentos pessoais em sociologia. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 30-36, 1986.

MARRÉ, J. Histórias de vida e método biográfico. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 14., 1990, Caxambú, MG. **As controvérsias na sociologia contemporânea e a sociedade brasileira**. Porto Alegre: UFRGS-PPSR, 1990. 1-73.

MENDRAS, H. **La fin des paysans.** La Haya: Babel, 1992. 436 p.

MORIN, L. **La méthodologie de l´histoire de vie**. Quebec: Université Laval, 1975. 2 v.

RODRIGUES, C. M. **Análise comparativa de redes de comunicação interpessoal em duas comunidades rurais sob a ótica de mudanças tecnológicas**. Brasília: Universidade de Brasília, 1978.

SPERRY, S.; MERCOIRET, M. R.; FERRARIS, F. **A organização dos pequenos agricultores de Silvânia-GO**: origem, estrutura e impactos sociais. Planaltina: Embrapa-CPAC, 1997. 86 p. (Embrapa-CPAC. Documentos, 68).

SPERRY, S.; AGUIAR, J. L. P. **A integração da agricultura familiar da região do Cerrado na produção de maracujá**. Planaltina: Embrapa Cerrados, 2000. 51 p. (Embrapa Cerrados. Circular Técnica, 10).

Life history on Familiar Agriculture

Abstract *– The author show the heuristic value of life history as an aid to comprehending the various levels of interconnection between the social and the individual, and between historical change of the agricultural communities and the life cicle. This perspective leads to enphasis beind placed on the concepts of family life-cicle and the individual life-cicle of the small farmers. The study presents, on a most possible way, the steps for its application, fallowed by application administration experiences.*

Index Terms: small farmers – qualitative diagnosis – life history.

Circular Técnica, 17

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO
GOVERNO FEDERAL
Trabalhando em todo o Brasil

Exemplares desta edição podem ser adquiridos na:
Embrapa Cerrados
Endereço: BR 020, Km 18, Rod.Bsb/Fortaleza, CEP 73301-970, Cx. Postal 08223
Fone: (61) 388-9898
Fax: (61) 388-9879
E-mail: sac@cpac.embrapa.br

1ª edição
1ª impressão (2001): 300 exemplares

Comitê de publicações

Presidente: *Ronaldo Pereira de Andrade.*
Secretária-Executiva: *Nilda Maria da Cunha Sette.*
Membros: *Maria Alice Bianchi, Leide Rovênia Miranda de Andrade, Carlos Roberto Spehar, José Luiz Fernandes Zoby.*

Expediente

Supervisor editorial: *Nilda Maria da Cunha Sette.*
Revisão de texto: *Maria Helena Gonçalves Teixeira / Jaime Arbués Carneiro.*
Editoração eletrônica: *Jussara Flores de Oliveira.*